

VII COLÓQUIO INTERNACIONAL MARX E ENGELS

O marxismo de Michel Pêcheux

Rodrigo Oliveira Fonseca, professor, doutorando em Letras (UFRGS)

Maurício Beck, professor, em estágio de pós-doutorado (Estudos de Linguagem–UFF)

Phellipe Marcel da Silva Esteves, professor, doutorando em Estudos de Linguagem (UFF)

GT 2 — Os marxismos

Eu gostaria que, marxistas ou não, sejamos capazes de frustrar, em nosso domínio de investigação e de reflexão, a irresistível tendência ao narcisismo teórico que pode tomar diversas formas integrativas, entre a a-historicidade antropológica e a historicidade homogênea de um simbolismo coletivo que parece ter dificuldades em suportar a categoria da contradição.

(PÊCHEUX, “Metáfora e Interdiscurso” ([1984] 2011))

Um programa althusseriano de pesquisa

Não é exagero afirmar que as prerrogativas para um programa de Análise do Discurso como o desenvolvido por Pêcheux (1938-1983) tenham sido lançadas em *Ler O Capital*, obra coletiva organizada por Althusser que apresenta na próprio título um convite, um programa, uma tarefa subversiva que pressupõe o estabelecimento de uma relação “direta” com o texto para extrair dele, ou a partir dele, outros dizeres que não as leituras empobrecidas, apressadas e dogmáticas circulantes. Está bem no começo desse livro provocador o reconhecimento da importância central de Freud em ter despertado as ciências humanas para a suspeita e a suspensão dos dizeres e seus sentidos não evidentes, assim como para a atribuição de um papel-chave à linguística estrutural, imaginada capaz de produzir uma escuta não subjetivista. Em 1969, ano em que surge *Análise Automática do Discurso*, título da sua primeira obra vinculada ao nome de Pêcheux,¹ outro

¹ O primeiro artigo de Michel Pêcheux foi assinado com o pseudônimo Thomas Herbert e produzido para a revista do Círculo de Epistemologia da Escola Normal Superior, *Cahiers Pour l'analyse*, e data de 1966. Chama-se “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social”. Esse artigo foi editado em português na revista *Tempo Brasileiro* (n. 30/31, organizada por Carlos Henrique Escobar) em 1972 e retraduzido em 2011, no livro *Análise de discurso: Michel Pêcheux*, organizado por Eni Orlandi. Os motivos para o uso de pseudônimo não são bem-conhecidos. Outro artigo de Thomas Herbert é “Notas para uma teoria geral das ideologias” (1968), também produzido para a revista do Círculo de Epistemologia e traduzido na coletânea *Psicanálise e ciência da história* (1974, organizada, analogamente, por Carlos Henrique Escobar), retraduzido em 1995, na revista *Rua*, da Unicamp.

discípulo de Althusser, Alain Badiou, criticava as declarações dos partidos comunistas “ocidentais” naquela conjuntura de coexistência pacífica, produzindo uma formulação certamente dirigida ao cerne das questões que Pêcheux visava explorar analiticamente:

aquilo do qual não se fala, a não ser para dar forma ao não-dizer no palavreado das condenações — resumindo: o estalinismo e a China — estrutura totalmente aquilo de que se fala; pois é necessário preencher as lacunas e deformar todo o encadeamento para que nele possam entrar os significantes desse escamoteamento (BADIOU, 1969, p. 7)

A repercussão de *Análise Automática do Discurso* somou-se ao interesse pelas questões da linguagem e do discurso por parte de muitos pesquisadores franceses marxistas de diferentes áreas, dando origem a um verdadeiro movimento teórico e analítico, que não se institucionalizou mas que se espalhou por diferentes núcleos e centros de pesquisa, tendo nas propostas de Pêcheux um vértice comum. A agonia do estruturalismo; o trabalho com historiadores como Regine Robin e com psicanalistas como Michel Plon; o impacto do lançamento, em 1970, de *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*, de Althusser; e algumas inadequações sentidas nos primeiros trabalhos realizados sob os desígnios metodológicos da AAD foram fatores que contribuíram para a urgência de um desenvolvimento teórico de maior fôlego. Em 1975 é publicado o livro que, sem retornar aos procedimentos metodológicos propostos em 1969², representa o filé-mignon da reflexão teórica de Pêcheux, pela sua densidade e dimensão crítica. Conceitos como os de *formação discursiva*, *interdiscurso* e *pré-construído*, que vinham sendo produzidos no interior daquele movimento desde 1971 (o caso da noção de Formação Discursiva ainda gera polêmica, dada a formulação contemporânea de conceito homônimo por Michel Foucault), ganham sistematicidade em *Semântica e discurso*³.

Michel Pêcheux e o marxismo não celibatário

² Esse retorno sobre o texto de 1969 será um feito de Pêcheux e Fuchs, intitulado “A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas”, também de 1975.

³ O título do original francês é *Les Verités de la Palice. Linguistique. Semantique. Philosophie*. Ele remete a um trocadilho: “La Palice é um nome próprio (...) e, como tal, não urge, para compreendê-lo, que se depreenda seu significado através da análise de elementos mórficos ou semantemas que o constituem, mas que se identifique seu referente (...). Passemos a isso: o tipo humano simbolizado, ‘o que chove no molhado’, o que explica o que já está explicado, é apresentado, acrescentemos, pela linguagem, através de processos perfeitamente possíveis nas línguas humanas e históricas. § O autor refere-se a uma tirada *à la Palice*, à maneira óbvia como o faz a figura conhecida como Monsieur de La Palice (...) O jogo de significante feito por Pêcheux pode enganar o leitor e levá-lo a interpretar *Palice* não como um nome próprio, mas como um nome comum que lembra *palis*, *palissade*, em português ‘tapume ou paliçada’ (...) ‘as verdades da paliçada’. No entanto, a estrutura é opaca: a análise de sua constituição não leva ao seu significado (...): *La Palice* é aquele personagem que explica o óbvio” (COHEN, 2008, p. 221-223). Assim, *Les Verités de la Palice* já inicia, desde o título, a “crítica à afirmação do óbvio” (fazendo menção ao subtítulo da edição brasileira) presente em todo o livro de 1975. O efeito de obviedade ideológica já é colocado em causa no título original.

É justamente aqui que saímos da trajetória e entramos propriamente no marxismo de Pêcheux. Não é o caso de afirmar que o fundador da análise materialista do discurso, a AD, tenha criado uma escola de pensamento no interior do marxismo. Ao longo de todo o livro de 1975, obra maior de Pêcheux, a “escola” referida por ele é o marxismo-leninismo, sob uma influência assumida (mas não apenas “assumida”, e sim uma influência produtiva, por servir enquanto detonadora de questões desenvolvidas) de Althusser.

Ao falarmos do “marxismo de Michel Pêcheux”, nos damos ao trabalho não evidente e até aqui não começado de ir extraindo de suas obras o que consideramos o essencial de sua contribuição ao marxismo. Por certo é um trabalho que mal começa e nem termina aqui, mas cujo início e divulgação julgamos urgente, dado o estado de diluição e até esquecimento em que se encontram algumas categorias e posturas estratégicas da AD no momento mesmo em que, na universidade brasileira, ela vai se tornando mais conhecida em programas de pós-graduação em Letras de diferentes latitudes. Diante de tantas citações política e academicamente corretas a Pêcheux e às suas definições conceituais, o que representa todo um trabalho de recuperação textual que não necessariamente faz com que seja desenvolvido o campo marxista de investigações nas quais ele e seus camaradas estavam engajados, cabe lembrar o que ele próprio diz sobre as simples alusões ao marxismo: “não se fica nunca em dia com o materialismo histórico, ou com o materialismo dialético — e, sobretudo, não se desembaraça deles —, apresentando-os por antecipação, isto é, colocando-os antes de se começar o trabalho: trabalha-se com” (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 254).

Em outra publicação desse mesmo ano, Pêcheux e Fuchs criticarão o “uso espontaneamente imobilista e classificatório (de que não se pode impedir a ocorrência)” dos conceitos vindos do marxismo (PÊCHEUX; FUCHS, 1997 [1975], p. 168), apontando para uma postura estratégica permanente dos teóricos da AD em não apenas se servir de conceitos e questões emprestadas de outros domínios, como a linguística e o materialismo histórico, mas de lhes dar trabalho em seus próprios campos de desenvolvimento. Além disso, em sua intervenção na conferência “Marxismo e Interpretação da Cultura: limites, fronteiras, restrições”, de 1983, Pêcheux tece duras críticas ao marxismo que cedeu à tentação de se constituir “ciência-régia”, homogeneizando e coordenando todas as coisas a saber, em analogia às pretensões da escolástica aristotélica e do positivismo, e assentada em “bibliotecas celibatárias”, protegidas contra saberes não marxistas (PÊCHEUX, 1997 [1983]). Tal projeto de ciência-régia seria a projeção de uma verdadeira Ciência-Estado, a governar domínios que iam da natureza à sociedade e à história, pretendendo interditar oficialmente qualquer interpretação no momento mesmo em que ela se dava, na ilusão da transparência, da completude e da não contradição. É interessante ver como também aqui Pêcheux acompanha teórica e politicamente a trajetória de Althusser: “O que [Marx] nos ofereceu não é um sistema total, unificado e concluído, mas sim uma obra que implica princípios teóricos e analíticos sólidos, e

juntamente a isto dificuldades, contradições e lacunas” (ALTHUSSER, 1978, p. 512; tradução livre).

Marx, Engels, Lênin, a implosão dos pré-construídos e as lutas proletárias

Um ponto central no marxismo de Pêcheux é a crítica ao “poder sintético unificador” da tomada de consciência, concebida enquanto mera reduplicação de uma identificação (PÊCHEUX 1997 [1975], p. 172) — ou seja, o (re)encontro com um sentido e um Sujeito já dados, prévios à história concreta e à luta de classes, extremamente pertinente à colocação e manutenção dos indivíduos nos seus devidos lugares estipulados pela divisão social do trabalho. Em relação a alguns objetos pré-construídos da tomada de consciência burguesa, como “direito igual” e “Estado livre”, elementos-chave da ideologia dominante em sua penetração e inculcação, Pêcheux diz que Marx e Engels os fizeram voar em estilhaços apresentando-os enquanto objetos inconcebíveis, a exemplo da “faca sem lâmina que falta o cabo”, na expressão de Freud (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 227). Também Lênin teria enfrentado, em plena Primeira Guerra, o objeto ideológico do pacifismo, afirmando que a luta pela paz só pode ser uma luta pelo socialismo (idem, ibidem, p. 228). Diante destes objetos ideológicos, há de se considerar tanto o poder das ideologias dominantes quanto algumas insuficiências das ideologias contra-hegemônicas, quando creem poder se “estabelecer” na desidentificação frente a estes pré-construídos, deixando escapar o movimento real da luta de classes ou vindo a ocupar outras posições no seu interior. Também a luta de classes e a história devem ser experimentadas de modo não-subjetivista/idealista/espontâneo, garantindo o encontro entre o materialismo histórico e as experimentações das massas proletárias, afinal:

o proletariado experimenta progressivamente, sob a democracia burguesa, o irrealizado do movimento popular, e descobre pouco a pouco que a burguesia tem a necessidade vital de que esse ponto permaneça irrealizado: a dominação da ideologia jurídica introduz assim, por meio de seu universalismo, uma barreira política invisível, que se entrelaça sutilmente com as fronteiras econômicas visíveis engendradas pela exploração capitalista. (PÊCHEUX, 1990 [1982], p. 11)

O embotamento destas experiências históricas abre campo para a conformação de lugares estabilizados no seio das superestruturas — o caso do congelamento de um “campo socialista”, das oposições parlamentares, e também uma crítica à relação dos PCs frente aos processos de formação política do proletariado, próxima das críticas de Althusser ao PCF no final dos anos 1970.⁴ Concebido como campo paradoxal de objetos polêmicos, o terreno das lutas ideológicas deveria ser,

⁴ Althusser em 1978 (cf. “Ce que ne peut plus durer dans le parti communiste”) lançou uma crítica à cúpula do Partido Comunista Francês tendo em vista certa inclinação política nos moldes do parlamentarismo burguês, por um lado, e a forma de organização hierarquizada, de tipo militar, por outro. Sua censura ao jornal do partido culminou numa série de artigos no *Le Monde*.

no marxismo pecheutiano, encarado (cf. Antonio Gramsci) sem fronteiras fixas, o que atingiria assim a própria formação das classes em luta. As consequências de uma tal fixação de fronteiras no interior das superestruturas do “campo socialista” seriam assim verdadeiramente nefastas para a persecução dos interesses históricos e da experimentação do proletariado:

(...) a metafísica marxista ortodoxa do realismo de classe subordina uma identidade estável (com fronteiras definidas) às ideologias e principalmente às ideologias políticas. Mas essa metafísica, que nunca arrisca nada, sempre significou um perigo para os movimentos populares e de trabalhadores: o papel nunca explicado do “populismo” foi tratado no âmbito dessa metafísica. (...) o mesmo marxismo ortodoxo se mostra incapaz hoje em dia de pensar, em seu próprio espaço do “socialismo existente”, os efeitos de uma luta de classes, cujos atores lhe ficam invisíveis. Enquanto isso, se reproduzem as condições de um sistema de exploração original sem “capitalistas”, principalmente por meio da divisão técnico-social-política do trabalho, garantida por um populismo de Estado [stalinismo], com efeitos retroativos imprevisíveis. (PÊCHEUX, 2011 [1982], p. 116)

Desvirtuação dos fins revolucionários

A resistência ao Capital por meio da reprodução de seus próprios meios é um problema para Pêcheux: qualquer tentativa de importação do político para o estético de forma deliberada, por exemplo, pode até ser encarada como um modo de substituição de arte tradicional por arte progressista, mas nada mais é do que uma repetição sem relevantes deslocamentos dos meios de produção cultural da formação social capitalista:

(...) na estética de Bogdanov, os elementos que se podem identificar como políticos (as relações sociais como objeto a transformar) são também, sob outro aspecto, uma matéria diretamente estética. Isso lhe permite desenvolver uma crítica a certas tomadas de posição “revolucionárias” em estética que querem importar diretamente o político para a arte, esquecendo que é construindo uma obra orgânica, harmônica etc., (...) que se a encontra diretamente engajada com a matéria social a transformar. (PÊCHEUX; DELUY, 2011 [1975], p. 84)

Essa importação do político para a arte constituiria uma arte engajada tipicamente burguesa, relacionando-se a uma teoria de arte cívica e sendo totalmente inadequada para fins revolucionários, simplesmente porque é a concretização de mudança de uma formação social através da apropriação de um modelo artístico proveniente de outra formação social. A arte se constituiria fora de sua fluidez, que seria revolucionária por si própria. Pêcheux, desse modo, reconhece o estético do político não necessariamente na arte engajada, mas na própria/suposta extraordinariedade artística. Os erros das tentativas esquerdistas de gestão estatal, no que diz respeito à ideologia materializada na língua, são apontadas na obra de Pêcheux relacionando-os à sua inscrição nas formações

ideológicas e, mais especificamente, nas formações discursivas. No mais, toda uma série de questões densas e trágicas é dirigida por Pêcheux para o “fio vermelho” proveniente de outubro de 1917, o qual teria se desfiado por volta dos anos 1930 (sob a modalidade stalinista do populismo de Estado, sob os imperativos da emergência e da sobrevivência) abrindo uma crise paralela à do imperialismo. Paralela, e não um reflexo inverso, sublinha Pêcheux a despeito dos humanismos da Guerra Fria que “tropeçam” ao identificaram esse fio vermelho com o fio negro do nazismo que percorre o século XIX, passa pela Alemanha de Weimar e segue no império estadunidense (PÊCHEUX; GADET, 2004 [1981], p. 116-117).

Uma crítica à contraidentificação

Enquanto parte de um coletivo de pesquisadores em Análise do Discurso, elencamos a crítica ao reformismo das resistências pontuais ou contraidentificação como maior contribuição de Pêcheux à análise de discursos circulantes na contemporaneidade. Entendemos como dominante hoje um discurso que se apresenta como tolerante às diferenças culturais, que tudo abarca em nome de uma sociedade de maior aceitação das diferenças. Nossa hipótese é de que esse discurso da tolerância caracteriza a heterogeneidade da formação ideológica capitalista, e de modo algum quebra seus espelhos, reduplicadores de objetos e identidades ideológicas pré-construídas. Ao contrário: ao arranhar as superfícies do vidro, faz admirar ainda mais a prata sob e colada nele. Essa tem sido uma de nossas principais propostas de investigação, que acompanha o preceito pecheutiano de que nem todo discurso que se diz revolucionário ou transformador o é.

Defendemos a tese (e a postura política) de que a resistência ou reticência crítica pontual, ou o que Pêcheux (1997 [1975]) chamava de contraidentificação, não torna a ideologia dominante menos eficaz. Pelo contrário. Segundo o filósofo esloveno Slavoj Žižek, um certo passo atrás em relação às injunções — evidências — da ideologia permite uma reprodução mais estável. Certa dose de resistência local e atual possibilita uma reforma-manutenção do *status quo*. É possível fazer um paralelo entre a noção de contraidentificação pecheutiana com a de falsa desidentificação em Žižek:

estamos lidando aqui com o que ficamos tentados a chamar de prática ideológica de desidentificação. Ou seja, devemos inverter a noção padronizada de que a ideologia fornece uma identificação firme a seus sujeitos (...): e se, num nível diferente, mas não menos irrevogável e estruturalmente necessário, a ideologia for eficiente exatamente por construir um espaço de falsa desidentificação, de falsa distância das coordenadas reais da existência social do sujeito? Não é a lógica da desidentificação discernível desde o caso mais elementar do “não sou apenas um (marido, operário, democrata, homossexual...) norte-americano, mas por trás de todos esses papéis e máscaras, sou também um ser humano, uma personalidade complexa e única” (ŽIŽEK, 2011, pp. 209-210)

Embora Žižek se valha do termo desidentificação, no arcabouço teórico da AD essa noção nos parece mais similar à noção de contraidentificação, a modalidade de funcionamento subjetivo que não se desvincula de todo de uma matriz de sentidos no interior de uma formação discursiva, mas em relação à qual se posiciona em um movimento de afastamento relativo que não desfaz seu tecido de evidências. A desidentificação em Pêcheux é reservada à modalidade que opera uma ruptura com uma dada matriz de sentidos e que se vincula a uma formação discursiva antagônica (cf. INDURSKY, 2002). É preciso não esquecer, entretanto, que Pêcheux (1997 [1975]) formulou a modalidade da desidentificação dentro da proposta althusseriana-leninista de ruptura, por intermédio da integração de conhecimentos objetivos, científicos e políticos (pedagogia revolucionária ou pedagogia da ruptura), com o “círculo encantado da ideologia dominante”. Esse projeto epistêmico político será retificado posteriormente (idem, 1997 [1978]), e o modo de funcionamento — dissimétrico — das ideologias antagônicas restará como uma problemática a ser investigada com base nos processos de resistência-revolta-revolução das lutas inscritas no movimento do real.

Tolerância reprodutora-conservadora das relações de dominação

A heterogeneidade das formações discursivas, em nosso entendimento, é um dispositivo ideológico que aumenta sua eficiência mais do que cria espaços de resistência. Em outras palavras, quanto mais heterogênea uma formação discursiva (e também uma formação ideológica — talvez mais ainda uma formação ideológica), mais ela comportará espaço de trânsito de sentidos de tomadas de posição que pareçam alternativas ao *status quo*, mas que de fato não promovem ruptura. A noção de civilidade inscrita na formação ideológica capitalista (ŽIŽEK, 2011) teria progredido provocando um efeito de abarcamento da pluralidade, do múltiplo. Embora alguns marxistas entendam o multiculturalismo como um perigo, pelo apagamento do ideológico, não necessariamente se vislumbra o problema maior que o discurso da tolerância evoca: a tolerância de tudo e de todos também significa tolerar uma(s) classe(s) dominante(s), com discursos e sentidos dominantes.

Nesse jogo de tolerâncias há sensações de pertencimento que atuam de forma ilusoriamente líquida (liquidez afirmada equivocadamente por Zygmunt Bauman, que não percebe ser esse desmoronamento das relações sociais tradicionais um efeito de evidência ideológica, mais uma mudança no nexos social, e não uma singularidade exclusiva da pós-modernidade). O sujeito interpelado por esse nexos social líquido se diz livre para fazer o que bem entender, porque nada deve a ninguém e porque é cidadão do mundo. Nesse sentido, é-se tolerante a homossexuais, travestis, muçulmanos, negros, brancos, índios, judeus etc.; mas não se admite partilhar de seus

sentidos: o espaço é heterogêneo, capitalista, plural, mas aos sujeitos não cabe muita escolha a não ser escolher seu rótulo. É um multiculturalismo que se acredita sem necessidade de centro.

Referências bibliográficas

ALTHUSSER, Louis (org.). *Ler O Capital*, v. I e II. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. Dos o tres palabras (brutales) sobre Marx y Lenin. In: *Eco*. Bogotá, v. 1, n. 197, pp. 512-522, março de 1978.

BADIOU, Alain. O (re)começo do materialismo dialético. In: ALTHUSSER, L.; BADIOU, A. [1969] *Materialismo Histórico e Materialismo Dialético*. São Paulo: Global, 1979, pp. 7-32.

COHEN, Maria A. A. de M. A questão do sujeito e algumas articulações possíveis. In: LARA, Glauca Muniz Proença et alii (orgs.). *Análises do discurso hoje*, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

INDURSKY, Freda. Do desdobramento à fragmentação do sujeito em análise do Discurso. In: *Sínteses 2*, Porto Alegre, ANPOLL/UFRGS, 2002. CD-ROM.

MALDIDIER, Denise. [1990] *A inquietação do discurso — (Re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. [1969] Análise Automática do Discurso. In GADET, F. & HAK, T.(org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1990, pp. 61-161.

_____. [1975]. *Semântica e discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. [1978] Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: *Semântica e discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997

_____. [1982] Delimitações, inversões, deslocamentos. Tradução de José Horta Nunes. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (19): 7-24, jul./dez. 1990.

_____. [1982] Ideologia — aprisionamento ou campo paradoxal? In: *Análise de discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011, pp. 107-119.

_____. [1983] A análise de discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T.(org.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1990, pp. 311-318.

_____. [1983] *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1997.

_____. [1984] *Metáfora e interdiscurso*. In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2011, pp. 151-161.

PÊCHEUX, Michel; DELUY, Henri [1975]. Entrevista com Michel Pêcheux. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. *Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. [1975] A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997, pp. 163-252.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. [1981] *A língua inatingível*. Campinas: Pontes, 2004.

ZIZEK, Slavoj. *Como ler Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Em defesa das causas perdidas*. São Paulo: Boitempo, 2011.